

### Ficha de trabalho 3/correção

#### GRUPO I

#### A

Leia o poema seguinte.

Entre o sono e o sonho,  
Entre mim e o que em mim  
É o que eu me suponho,  
Corre um rio sem fim.

5 Passou por outras margens,  
Diversas mais além,  
Naquelas curvas viagens  
Que todo o rio tem.

10 Chegou onde eu habito  
A casa que hoje sou.  
Passa, se eu me medito;  
Se desperto, passou.

E quem me sinto e morre  
No que me liga a mim  
15 Dorme onde o rio corre –  
Esse rio sem fim.

11-9-1933

Fernando Pessoa, *Poesia 1931-1935 e não datada*, (ed. Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas, Madalena Dine), Lisboa, Assírio & Alvim, 2006, p. 157.

1. Descodifique o sentido de “sonho” e de “sono” no contexto em que surgem.
2. Comprove a impossibilidade de o “eu” alterar o curso do seu destino.
3. Explique o sentido da última quadra.

## B

Leia o poema.

Em prisões<sup>1</sup> baixas fui um tempo atado,  
vergonhoso castigo de meus erros;  
inda agora arrojando levo os ferros  
que a Morte, a meu pesar, tem já quebrado.

5        Sacrifiquei a vida a meu cuidado,  
que Amor não quer cordeiros, nem bezerros<sup>2</sup>;  
vi mágoas, vi misérias, vi desterrros:  
parece-me qu' estava assi ordenado.

10       Contentei-me com pouco, conhecendo  
que era o contentamento vergonhoso,  
Só por ver que cousa era viver ledado.

Mas minha estrela<sup>3</sup>, que eu já' gora entendo,  
a Morte cega, e o Caso duvidoso,  
me fizeram de gostos haver medo.

Luís de Camões, *Rimas* (Texto estabelecido e prefaciado por Álvaro J. da Costa Pimpão), Coimbra, Almedina 2005, p. 159.

Glossário:

<sup>1</sup> pode ser entendido literal ou metaforicamente.

<sup>2</sup> sacrifícios de animais segundo ritos antigos.

<sup>3</sup> fortuna ou destino.

4. Caracterize a vida do sujeito poético e comprove a impossibilidade de mudar o destino.
5. Identifique o recurso presente no verso 7, referindo a sua expressividade.

## GRUPO II

---

Responda às questões. Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

---

Leia o texto.

### Quantos amigos temos?

Millôr Fernandes, o mais genial humorista do último século, em língua portuguesa, dizia que a verdadeira amizade é aquela que nos permite falar, ao amigo, de todos os seus defeitos e de todas as nossas qualidades.

5 Tão sério quanto o brasileiro, o mais famoso dos filósofos orientais, Confúcio, antecipava há mais de dois mil anos que para conhecermos os amigos é necessário passarmos pelo sucesso e pela desgraça. No sucesso observamos a quantidade, na desgraça avaliamos a qualidade.

10 Houve um tempo em que contávamos os amigos pelos dedos da mão. Hoje, porém, com a generalização das redes sociais, é vulgar ouvirmos alguns dizerem que têm dois ou três mil amigos. Conheço muitos desses. E há um cuja identidade, por pudor, não preciso sequer revelar. Na bolsa de valores que rege uma boa parte das nossas relações, a palavra desvalorizou tanto como os títulos de alguns bancos, do outro lado da rua.

15 Amigo remete-nos para aqueles com quem mantemos uma relação de "afeto pessoal, puro e desinteressado, que nasce e se fortalece com o trato". No máximo, e de acordo com estudos reconhecidos do antropólogo britânico Robin Dunbar, "o ser humano pode alimentar uma relação estreita com não mais de 150 congêneres" – pessoas cujo caráter conhecemos, com quem conversamos amiúde e a quem podemos telefonar em caso de urgência. A entrada de novos indivíduos no grupo envolve, geralmente, a perda de contacto com outros, em particular aqueles cuja relação ou presença vai esmorecendo.

20 As redes sociais, diz o mesmo estudo, não parecem ter mudado o perímetro do nosso abraço, as medidas do coração. A verdadeira relação de um utilizador com outros, na mesma rede, mantém-nos em idênticos parâmetros: 150 pessoas com as quais interagimos, e das quais apenas cerca de 3% são, ou podem ser, amigos de verdade. Os outros, esses, continuam "amigos", o título cujo valor facial temos desvalorizado.

25 Há dias, passou-me pelos olhos a notícia de um homem encontrado morto, em Vigo. Sofria de uma estranha doença, a síndrome de Diógenes (que consiste em arrecadar para casa toda a espécie de objetos e lixo), e dava-se apenas com alguns, poucos vizinhos. O cadáver fora descoberto dias depois da sua morte, mas ninguém o reclamou para lhe dar sepultura. Era utilizador das redes e, só no Facebook, somava 3544 "amigos", nenhum dos  
30 quais, porém, sabia realmente como era a sua vida. Amigas e amigos, todos os dias são bons para redirmos tão insigne vocábulo. Hoje, por exemplo. Quantos amigos temos?

Afonso Camões, in *Jornal de Notícias*, edição online de 11 setembro 2016 (consultado em outubro de 2016).

1. A definição de amizade dada por Millôr Fernandes
  - (A) corresponde ao conceito de amizade virtual.
  - (B) confirma o significado dado por Confúcio.
  - (C) reveste-se de uma forte carga humorística.
  - (D) retrata o tipo de humor defendido pelo autor do texto.
  
2. O humorista referido
  - (A) é brasileiro e comparado a Confúcio.
  - (B) é português e diferente de Confúcio.
  - (C) baseou a sua definição de amizade em Confúcio.
  - (D) inspirou-se em filósofos orientais para falar da amizade.
  
3. De acordo com a opinião do autor do texto, na atualidade os amigos são
  - (A) mais solidários e estão disponíveis para ajudar.
  - (B) em maior quantidade, mas de pior qualidade.
  - (C) mais autênticos e a palavra amizade valorizou-se.
  - (D) o suporte para ultrapassar os obstáculos do presente.
  
4. O esvaziamento do significado da palavra “amigo” é comprovado
  - (A) pelo testemunho de um elevado número de amigos virtuais no Facebook.
  - (B) pelo exemplo apresentado de uma situação ocorrida com o autor.
  - (C) por haver cada vez menos amigos verdadeiros “fora” da rede social.
  - (D) pelo recurso a um exemplo de um utilizador da rede social Facebook.
  
5. O pronome pessoal sublinhado na expressão “a verdadeira amizade é aquela que nos permite falar” (l. 2) tem a função sintática de
  - (A) predicativo do sujeito.
  - (B) sujeito.
  - (C) complemento indireto.
  - (D) complemento direto.
  
6. O vocábulo “filósofos” (l. 4) é exemplificativo, quanto ao processo de formação, da
  - (A) derivação por sufixação.
  - (B) composição morfossintática.
  - (C) derivação por parassíntese.
  - (D) composição morfológica.

7. As orações presentes em “No sucesso observamos a quantidade, na desgraça avaliamos a qualidade” (ll. 6-7) são coordenadas
- (A) copulativas.
  - (B) assindéticas.
  - (C) explicativas.
  - (D) disjuntivas.
8. Classifique a oração sublinhada em “é vulgar ouvirmos alguns dizerem que têm dois ou três mil amigos.” (ll. 8-9)
9. Indique a função sintática do constituinte “de novos indivíduos”. (l. 18)
10. Identifique o processo de coesão ilustrado nos pronomes pessoais presentes na afirmação “mas ninguém o reclamou para lhe dar sepultura”. (ll. 28-29)

### GRUPO III

A proximidade entre pessoas parece não se ter intensificado apesar das redes sociais. Por isso, as amizades criadas através desses meios não promovem os abraços nem o reconforto que um verdadeiro amigo pode dar.

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, apresente uma **reflexão** sobre a amizade e a importância dos amigos na vida de qualquer ser humano.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

**GRUPO I**

**A**

1. No contexto em que surge, o “sonho” pode ser entendido como a vida idealizada (ou desejada) pelo sujeito poético; o “sono”, por sua vez, significará a vida real, a vida no presente, que se opõe à vida futura que o “eu” se vê impossibilitado de alcançar porque existe uma barreira, “o rio sem fim” que o impede de concretizar o “sonho”.
2. Se entendermos que, simbolicamente, o “rio” representa o destino, percebe-se melhor a impossibilidade de o sujeito poético alterar aquela força (o destino), até porque chegou onde ele habita e se apossou dele (“Chegou onde eu habito / A casa que hoje sou.”). Acresce a isto o facto de não conseguir controlar o destino (o rio que passa) dado que, ao meditar sobre ele, este passa e o “eu” não o consegue enfrentar.
3. Na última estrofe, o sujeito poético conclui sobre o seu estado atual, realçando o facto de ter sido dominado pelo destino, já que “dorme onde o rio corre”. O “eu” está imerso (preso) no rio, sobressaindo a ideia de que o destino domina o ser humano e a sua vida, ficando impedido, assim, de realizar os seus sonhos.

**B**

4. O sujeito poético teve uma vida repleta de infortúnios: esteve preso (por erros cometidos), passou por diversos sacrifícios, tendo enfrentado “mágoas”, “misérias” e “desterros” por ordem do destino. Por isso, as suas alegrias foram poucas e breves, fizeram-no temer os pequenos contentamentos mas também compreender e aceitar que esse era o seu fado. Assim, conclui-se que toda a vida do “eu” foi marcada pelo sofrimento do qual só se libertará com a morte.
5. No verso 7 está presente uma enumeração e esta evidencia o reforço da ideia expressa desde o início e que se relaciona com a quantidade de infortúnios pelos quais o “eu” passou e que deixaram nele grande dano.

**GRUPO II**

1. - (C); 2. - (A); 3. - (B); 4. - (D); 5. - (C); 6. - (D); 7. - (B)
8. Oração subordinada substantiva completiva.
9. Complemento do nome.
10. Coesão referencial.

**GRUPO III**

Resposta de carácter pessoal, mas que deverá ser classificada de acordo com os critérios de correção dos exames nacionais. Contudo, propõe-se a planificação seguinte:

**Introdução** – existência, hoje, de dois tipos de amigos: os virtuais e os reais

<b>Desenvolvimento</b>	{	1º argumento – o que se entende por amigo virtual e as vantagens decorrentes deste tipo de relações
		Exemplo – o desconhecimento e os perigos reais noticiados nos <i>media</i>
		2º argumento – o que significa ter um amigo verdadeiro e de que modo se manifesta uma amizade autêntica
		Exemplo – a superação de dificuldades graças ao apoio do(s) amigo(s)

**Conclusão** – dever-se-á promover a amizade virtual ou antes escolher amigos de verdade?